

POESIA E MÁQUINA: SOB O SIGNO DE MALLARMÉ

Fernando Fiorese (UFJF)

Artigo recebido em: 11/11/2009
Aceito para publicação: 21/12/2009

RESUMO

O presente artigo representa um esforço no sentido de pensar as relações entre literatura (especialmente a poesia) e tecnologia, incluindo desde reflexões acerca do assédio da empresa criadora pelos *mass media* e pela lógica numérica até o papel das máquinas digitais e do hipertexto na “materialização” do **não-livro** mallarmaico.

Palavras-chave: Literatura. Poesia . Tecnologia. Livro. Stéphane Mallarmé.

ABSTRACT

The present essay represents an effort to think about the relationship between literature (specially poetry) and technology, including reflections about the creator enterprise insistence through the mass media and the logical number as well as the digital machines role and the hypertext in the “materialization” of the mallarmaic **non-book**.

Keywords: Literature. Poetry. Technology. Book. Stéphane Mallarmé.

abrir um livro é ampliar a noite
em que um professor de literatura
persegue pequenas verdades policiais
sequestra-se ao espelho ao sentido
mesmo porque é ele o assassino
mas não o autor dos falsos indícios
(FURTADO, 2002, p. 95)

Pensar os encontros e desencontros entre poesia e máquina está a exigir algo mais que a re-edição da mecanolatria entre utópica e escatológica da lírica moderna, algo mais que os nobres e nostálgicos **caprichos bibliográficos** de Adorno (1991), algo mais que o fascínio infantil pela multiplicidade dos recursos eletrônicos de pós-produção poética, algo mais que a simulação do *spleen* baudelaireano diante das potencialidades da infografia, muitas vezes indiciado pelo olhar blasé dirigido às tecnologias digitais. Pensar a poesia no trânsito entre as cenas finisseculares da modernidade e do contemporâneo enseja, antes de tudo, a desconstrução dos discursos teóricos e das práticas líricas ora fundados no apelo apocalíptico do verbo acossado pelas potências da *imagerie* desenfreada, ora seduzidos pela profusão de trucagens e efeitos especiais que mudam a palavra em mera e transitiva atração midiática, em curiosidade verbivocovisual.

Nas entrelinhas de tais teorizações e práticas, permanece como fantasma o ardor pelo novo, herança inexorável da modernidade. Fantasma porque depauperado o signo crítico resultante da tensão entre o humano e o maquinico, entre o eterno e o efêmero. A acoplagem do adjetivo plural “novas” ao substantivo “tecnologias” não é apenas sintoma desse ardor e de uma certa embriaguez pelo numeroso, pela proliferação do aparato tecnológico. Trata-se também, ao modo de descarte ou esquecimento, de assinalar com o epíteto de “velhas” as tecnologias anteriores, atribuindo-lhes por vezes o nome de “técnicas” para talvez arquivá-las entre os temas apenas aparentemente já pensados em demasia ou quando muito para resguardá-las na loja de antiguidades, entre tantas outras a que falta o *logos*.

Tais operações podem tanto determinar o entendimento indevido da máquina como mero suporte quanto olvidar o sentido histórico da série de superposições, deslocamentos e mutações entre os objetos técnicos. As máquinas engendram-se mutuamente, não apenas porque engrenagens e

esquemas migram de uma à outra, mas também porque veiculam percepções, produzem subjetividades e anunciam os paradigmas de novos modos de sentir e de estar no mundo. Ainda quando se pretenda a definitiva substituição de uma máquina por outra, dita superada ou antiquada, aquela permanece a assombrar e a engendrar a nova. Tal ocorre com o livro em relação ao computador. E o demonstram, por exemplo, o domínio do verbal sobre o imagético no ambiente da tela-teia e a migração para o léxico informático de vocábulos como *net*, *page*, *site* e *web*. Tipicamente livrescos são os termos de extração material, narrativa ou espacial, embora o privilégio do virtual, do não-linear e do temporal nas *highways* informacionais e cibernéticas.

Talvez porque descurando dos modos como se operou a mudança do estatuto da voz, da escrita e do livro de suporte instrumental da máquina semiótica, são as marcações fluidas, os acordos incertos e as rubricas tênues que dominam os discursos acerca das relações entre o poético e o maquinico na cena tecnológica. No esquecimento do livro como máquina – da família do espelho e do relógio –, realiza-se também o olvido do objeto técnico como fenômeno mental, cuja forma e funcionamento foram antes operados no pensar para, apenas a *posteriori*, depositarem-se, fixarem-se num corpo físico – e portátil, no caso do livro. Em tal passagem, por perfeita que seja a máquina como materialização do pensamento originário, ela reproduz tão somente algumas das possibilidades apuradas pelo fenômeno mental que a gerou. Limitações tecnológicas e prescrições culturais engendram determinadas estereotipias que enrijecem as formas e as funções maquinicas, a ponto de destituir-se o homem do papel de “intérprete das máquinas” (SIMONDON, 1969).

Os produtos da imaginação e da técnica resultam de uma longa elaboração da sensibilidade e do corpo humano, de forma a suprir a ausência de órgãos especializados e a precariedade do equipamento físico. Desde a libertação da mão, transformada em “cérebro exterior” (KANT), instrumentos e máquinas representam nosso empenho para adequar os sentidos, ampliar a força dos órgãos e adaptar a natureza às nossas necessidades, desejos e fins. As estruturas técnicas e a existência do homem tornam-se indissociáveis. E mesmo quando podemos idealizar uma percepção puramente humana, uma percepção direta, não será possível esquecer que a consanguinidade entre o homem e o instrumento define a essência de ambos. O engate homem-

máquina deve ser redimensionado considerando não apenas os progressos materiais, mas fundamentalmente as metamorfoses da percepção.

A aliança entre homem e máquina implica abandonar a relação senhor/escravo que mantemos com os objetos técnicos, não mais considerados utilitários, ferramentas. Não mais a máquina como dispositivo de controle e domínio, prótese que arma o corpo para a vontade de poder sobre e contra o mundo, mas como **ferramenta de percepção**, princípio gerador de novas realidades, prolongando e adaptando o corpo para acolher o mundo, torná-lo visível em suas múltiplas manifestações. Assim, compreende-se a transição do suporte instrumental para a máquina semiótica dentro do processo de elaboração contínua da sensibilidade humana para adaptar-se ao real engendrado pelas invenções técnicas. O ambiente de contínuo devir dos séculos XIX e XX transformou as atividades perceptivas e cognitivas, colocando ao nosso dispor tanto técnicas de reprodução dos aspectos dinâmico-motores da vida moderna quanto de produção de um novo real. A adaptação do homem à instabilidade cronotopológica da realidade encontrou nas possibilidades de visualização trazidas pela velocidade o treinamento perceptivo adequado.

No arco temporal entre a tipografia e a infografia, o espectro de Mallarmé assombra os debates acerca das relações entre poesia e tecnologia, na medida em que as experiências de *Un coup des dés* e de *Le livre* transtornam a substância-livro e mobilizam o desvio de suas formas e funções – desvio que apenas ao habitarmos o coração desta máquina desvela-se. Trata-se, pois, de compreender o **não-livro** mallarmaico como prenúncio dos funcionamentos e modos livrescos obliterados por restrições de várias ordens. Eis as operações de Mallarmé “para alimentar o forno da Grande Obra” (MALLARMÉ, 1991, p. 14): trabalhar dentro da própria máquina-livro, questionar o enigma da técnica tipográfica, deslocar-se para tarefas não-realizáveis pelos dispositivos maquinaicos, desvelar a dimensão imaginária e a margem de indeterminação que toda máquina dissimula, utilizar o princípio gerador da técnica em relação ao real, principalmente na objetualização de tempos e espaços capazes de inaugurar novas modalidades de percepção e conhecimento. Como a característica da máquina é a repetição do mesmo gesto, na contracena informacional e cibernética cumpre ao poeta também repeti-lo – até a diferença.

Em Mallarmé, mudar o *Album* – “uma coleção de trapos de tecidos seculares ou preciosos” – em *Livre* – “arquitetural e premeditado, e não uma recolha de inspirações casuais”; “impessoal e vivo, até na sua paginação”; “anônimo, o Texto ali falando dele mesmo e sem voz de autor”¹ – desvela o trânsito do livro-máquina à máquina-livro. *Un coup de dés* e *Le livre* sonham e antecipam o hipertexto pela “recíproca contaminação da obra e dos meios” (MALLARMÉ, 2001, p. 8) e pelo multilinguismo mallarmaico. Trata-se de, realizando a profecia benjaminiana, experimentar os funcionamentos e formas apurados tão-somente no fenômeno mental que gerou o livro. Trata-se de fazer a máquina semiótica absorver e operar o campo de múltiplas linguagens (música, artes plásticas, teatro, jornal, publicidade, cinema etc.). Trata-se de rasurar a idéia do livro como simples suporte material para instaurá-lo como máquina na qual “o sentido oculto se move e dispõe as folhas em coro”².

Ao estabelecer uma **distância amorosa** em relação à forma tradicional do livro, Mallarmé reconquista a liberdade necessária à criação de uma nova técnica para explorar a técnica tipográfica: “O livro, expansão total da letra, deve dela retirar, diretamente, uma dinâmica e espacialidade, por correspondências, instituir um jogo, não se sabe, que confirme a ficção”³. A composição tipográfica torna-se um rito e, como nos diz o poeta, “a fabricação do livro, no conjunto que desabrochará, começa a partir de uma frase”⁴.

Eis onde Mallarmé surpreende o motor da máquina-livro: “[...] no Verso, distribuidor, ordenador do jogo das páginas, mestre do livro”⁵. Por meio da manipulação sensível dos mecanismos livrescos acrescenta à máquina delicadeza de percepção, precisão de movimentos e abertura de espírito. Intérprete do livro-máquina, Mallarmé antecipa, com os recursos técnicos que a cena finissecular dos oitocentos lhe oferecia, a máquina-livro que se pode gerar a partir das tecnologias digitais, desde que sejamos capazes de mudar o idioleto, a logotécnica informática em linguagem e de compreender que o poético está no acidente, no desvio que se processa nos dentro da máquina.

¹ MALLARMÉ, Stéphane. **Quant au livre**. [S.l.]: Mozambook, 2001. p. 14-17.

² *Ibidem*, p. 10.

³ *Ibidem*, p. 20.

⁴ *Ibidem*, p. 21.

⁵ *Ibidem*, p. 14.

Acoplagens, contaminação das obras e dos meios, desaparecimento do autor, deslocalização, expansão total da letra, fragmentação, ideografia dinâmica, intertextualidade, multilinguismo, a palavra como motor, poética da deriva e da alusão, suporte instrumental. Quais destes termos e expressões, extraídos ou inferidos da obra teórica e lírica de Mallarmé, não participam dos debates em torno da poesia na era do virtual? Quais questões ou aporias desdobradas pelas poéticas tecnológicas e pelo hipertexto literário não foram antecipadas por *Un coup de dés* e *Le livre*?

Em sendo apenas aquele que perscruta os falsos indícios, aqui procurei tão-somente apurar o áporo, acolher o *locus* flutuante em que a reflexão encontra analogia com a *flânerie* e o cálculo, com a fabulação e a geometria. Diante dos paradoxos e do paroxismo da poesia face ao virtual, cumpre acionar as questões, provocar as forças centrífugas do *devenir fou* do real e apreender em cada poema um fragmento realizado do Livro futuro, único e plural. “*Tu le connais, lecteur, ce monstre délicat*” (BAUDELAIRE, 1988, p. 12) – trata-se da obra à espera de suas operações.

Livro só existe no plural.
 de modo que não há como abrir
 um único, sem com isso outro,
 e assim acionar a espiral
 que, par em par, outros abrirá;
 o mesmo que a mão dentro do bolso
 surpreendesse outro e, nesse um, outros
 bolsos em sequências infinitas,
 à semelhança de uma dízima;
 e em cada qual houvesse chaves
 de cofres há muito saqueados,
 de gavetas que nenhuma abre,
 da cidade depois dos bárbaros,
 porque chegamos sempre tarde.

.....

Como dissera versos antes,
 para o livro chegamos tarde,
 cedo demais para o não-livro;
 esse olhar só possível quando
 o silêncio entre amantes queda,
 e o mínimo rumor é tanto

que, no corpo, o corpo analfabeta.
Livro é como, em outros, a morte
se abre para ensaio ou trégua;
livro é mapa, mesmo conforme,
onde o território desconcerta;
é quando não há enigma algum
- nem termo, início ou promessa.
(FURTADO, 2002, p. 32/38)

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

BAUDELAIRE, Charles. **Les fleurs du mal**: Petits poèmes en prose. Paris: Edition Mon-vallon, 1988.

FURTADO, Fernando Fábio Fiorese. **Corpo portátil** (1986-2000). São Paulo: Escrituras, 2002.

MALLARMÉ, Stéphane. **Quant au livre**. [S.l.]: Mozambook, 2001.

_____. **Autobiographie**: lettre à Verlaine. Paris: L'Échoppe, 1991.

SIMONDON, Gilbert. **Du mode d'existence des objets techniques**. Paris: Aubier-Montaigne, 1969.